

A HIPÓTESE DA INTERFACE ASPECTUAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Lara FRUTOS González (Universidade Federal do Paraná)

ABSTRACT: *This paper aims to revise chapter 1 of “Aspectual Roles and The Syntax-Semantics Interface” (TENNY, 1994), trying to apply the concepts and tests proposed by the author from English to Brazilian Portuguese. The hypothesis of this work is that delimitation can never be entailed of sentences with a measuring verb.*

KEYWORDS: *Semantics; Syntax; Aspect; Delimitation; Measuring-Out*

0. Introdução

Este trabalho propõe-se inicialmente a fazer uma revisão dos fenômenos apresentados por Carol Tenny no primeiro capítulo do livro “Aspectual Roles and The Syntax-Semantics Interface”, de 1994, verificando sua aplicabilidade ao português brasileiro (PB).

Este capítulo trata da ligação entre estrutura argumental e o que a autora chama de papéis aspectuais, estabelecendo uma relação homomórfica entre a posição que os argumentos ocupam na estrutura da sentença e a implicação aspectual que eles revelam na leitura do evento.

Três tipos de argumentos são apresentados no texto: o argumento externo (NP sujeito), o argumento interno direto (objeto direto) e argumento interno indireto (objeto indireto e algumas adjunções tradicionalmente consideradas objetos). A cada um desses argumentos vai ser atribuído um tipo de RESTRIÇÃO¹ que governará o princípio da inter-relação entre Sintaxe e Semântica. Ao argumento externo se atribui a *restrição de não-medição* (Non-Measuring Constraint), ao argumento interno direto se atribui à *restrição de medição* (Measuring-Out Constraint), e ao argumento interno indireto, a *restrição de término* (Terminus Constraint).

A *delimitação* (delimitation) é a propriedade chave que leva ao conceito de *medição* (Measure-out), a primeira remetendo-se ao fato de o evento ter um ponto final distinto, definido e inerente, e a segunda, à propriedade de o argumento medir o evento denotado pela sentença. Segundo a autora, quando há a *medição*, além de se estabelecer uma escala ao longo da duração do evento, estabelece-se também um ponto final para esta escala. Ou seja, quando há *medição*, há necessariamente *delimitação*. Uma melhor explanação dessa teoria será discutida na seção 1.

Em segundo lugar, este trabalho propõe-se a discutir a aplicação problemática desses fenômenos ao PB. Ao adaptar os testes propostos pela a autora, deparamo-nos com uma realidade um pouco diversa. As sentenças que são assumidas no texto como puramente delimitadas podem ter nas suas correspondentes em PB duas leituras, uma delimitada e a outra não-delimitada. Essa característica revela-se ao aplicarmos o teste *em X tempo / durante X tempo* em (1):

(1) Ana comeu uma maçã (em cinco minutos / durante cinco minutos).

Em *Ana comeu uma maçã em cinco minutos*, temos a leitura delimitada em que o ponto final do evento de *comer a maçã* é marcado pelo final da maçã. Essa leitura é a assumida por Tenny. No entanto, é possível entender que *Ana comeu uma maçã por cinco minutos* se pensarmos que ela comeu a maçã apenas enquanto esperava uma ligação, e que tão logo tenha recebido essa ligação, tenha deixado a maçã de lado sem completar o evento de comê-la por inteiro. Neste caso temos uma leitura não-delimitada para o evento de comer em (1). Este problema será discutido na seção 2 desse texto, com base em Smollett (2005). Smollett apresenta a tese de que os objetos diretos quantizados, ao contrário do que propõe Tenny, não delimitam o evento, mas apenas atribuem-lhe uma escala.

A seção 3 desse texto apresenta a conclusão sobre a análise dos dados e sobre a problemática que o texto de Tenny envolve.

1. A Hipótese da Interface Aspectual (Tenny, 1994)

¹ Este termo é chamado CONSTRAINT no texto original.

1.1 Aspecto, delimitação e estrutura argumental

O texto define aspecto como sendo o fenômeno ligado a estrutura temporal interna dos eventos descritos por verbos, ou seja, refere-se às propriedades temporais dos eventos tais como duração, iteratividade, etc.

Um importante fator a ser considerado é que a proposta dessa teoria não é descrever o papel do aspecto na sintaxe, mas a intersecção entre sintaxe e semântica lexical, que depende de um pequeno aparato de propriedades aspectuais.

A propriedade da *delimitação*, que se refere ao fato do evento ter ou não um ponto final, é atribuída às sentenças que aceitam apenas os advérbios *em X tempo*. Algumas vezes eventos delimitados aceitam a expressão *durante X tempo*, mas apenas com o sentido iterativo como em (2), o que não as torna não-delimitadas.

(2) João quebrou a janela (todos os dias) por um ano.

A estrutura argumental é a ferramenta que vai condicionar os diferentes tipos de papéis aspectuais. Como descrito acima, cada tipo de argumento condicionará um tipo de papel aspectual diferente, ligado à propriedade da delimitação. Os NP's projetados acima da projeção máxima do verbo, que ocupam a posição de sujeito da sentença na estrutura profunda, serão chamados argumentos externos. Os NP's projetados dentro do VP serão considerados argumentos internos, que podem se subdividir em dois tipos: diretos e indiretos. Os argumentos governados diretamente pelo verbo serão os diretos, e os que forem governados pelos verbos através do auxílio de preposição serão os indiretos. Esses três tipos de argumento irão coincidir com três maneiras diferentes da participação do aspecto na estrutura.

1.2 Restrição de Medição (Measuring-Out Constraint)

Conforme explicitado anteriormente, a *restrição de medição* ocorre no argumento interno direto. Segundo Tenny, apenas o argumento interno direto pode medir o evento, marcando o seu ponto final. As regras da *restrição de medição* são as seguintes:

i) The direct internal argument of a simple verb is constrained so that it undergoes no necessary internal motion or change, unless it is motion or change which “measures out the event” over time (where “measuring out” entails the direct internal argument plays a particular role in delimiting the event).

ii) Direct internal arguments are the only overt arguments which can “measure out the event”.

iii) There can be no more than one measuring-out for any event described by a verb.²

A respeito dessas regras Tenny faz algumas observações. A primeira diz respeito ao movimento ou mudança internos mencionados acima, que precisam necessariamente ocorrer, sendo requeridos pelo sentido do verbo. No entanto, essa mudança ou movimento deve dizer respeito ao argumento interno e não ao sujeito. Por exemplo, em *João comeu a maçã*, ao final do evento de *comer a maçã*, ela passa de um estado inicial em que ela está inteira para um estado final em que já foi completamente comida. João pode até mudar de estado, mas isso não é requerido pelo significado da sentença: ele pode estar satisfeito ou não após o término do evento, mas a maçã precisa necessariamente estar comida.

Outra observação de Tenny a respeito da *restrição de medição* é que a propriedade da *delimitação* é requerida para que haja *medição*, ou seja, o evento representado deve ter um ponto final definido no tempo. Essa observação será discutida na seção 2 deste trabalho.

Por fim, a autora reconhece que apesar de apenas o argumento interno direto poder medir o evento, é possível que verbos sem estes argumentos tenham uma leitura delimitada.

² i) O argumento interno direto de um verbo simples é restringido no sentido de não requerer necessariamente movimento ou mudança a não ser que o movimento ou mudança meçam o evento (quando medir o evento acarreta que o argumento interno direto tem um papel particular na *delimitação* do evento).

ii) O argumento interno direto é o único argumento explícito que pode medir o evento.

iii) Não pode haver mais de uma *medição* para qualquer evento descrito por um verbo. (tradução nossa)

Os argumentos internos diretos que não apresentam movimento ou mudança não medem o evento. Esses argumentos estão normalmente ligados a verbos que não têm um ponto final determinado intrínseco. Ao analisar os exemplos propostos por Tenny, conclui-se que esses verbos pertencem às classes de verbos ESTADO e ATIVIDADE (Vendler, 1967), exemplificados por (3-7):

Verbos estativos:

- (3) Pedro tem uma casa.
- (4) Ana sabe matemática.

Verbos não-estativos:

- (5) Maria empurrou o carrinho (*em uma hora/durante uma hora).
- (6) Sirlei balançou a árvore (*em uma hora/durante uma hora).
- (7) Jahyr esmurrou a parede (*em uma hora/durante uma hora).³

No entanto, como será discutido na seção 2 deste trabalho, é possível pensar em contextos em que sentenças com os verbos não-estativos propostos por Tenny denotem eventos com delimitação.

- (8) Bia estudou Francês.

Esta sentença pode denotar um evento com ponto final se pensarmos que havia certa quantidade de capítulos do livro de Francês que Bia necessitava estudar naquele dia. Logo, *Francês* estaria se referindo a essa quantidade de capítulos e, tão logo ela terminasse de estudá-los, o evento teria o seu ponto final.

É possível imaginar ainda inúmeros contextos em que (5) tenha um ponto final, mesmo que estes não sejam os mais usuais. O interessante neste fato é que as estruturas que Tenny aponta como sendo não-delimitadas por causa dos verbos, podem facilmente ser interpretadas como delimitadas se acharmos um contexto que permita essa interpretação. É também possível imaginar contextos para que outras sentenças dentre as propostas por Tenny tenham essa mesma leitura delimitada.

O texto apresenta três tipos de verbos que permitem a medição do evento: os *verbos de tema incremental*, os *verbos de mudança de estado* e os *verbos de rota ou trajetória*.

Os *verbos de tema incremental* incluem os verbos de criação e de consumação. Exemplo:

- (9) João comeu uma maçã (em cinco minutos/ *durante cinco minutos).
- (10) José construiu uma casa (em um ano/ *durante um ano).

O exemplo (9) mostra um verbo de consumação, que denota o evento de comer a maçã está em progresso até que a maçã acabe. Durante esse evento partes da maçã vão sendo consumidas nos subintervalos de *comer*. Nesse sentido, a maçã dá a medida do evento. O mesmo ocorre em (10), em que partes da casa vão sendo construídas durante o curso do evento.

Os *verbos de mudança de estado*, como o próprio nome já sugere, são verbos que possuem um argumento interno que muda de estado após a conclusão do evento.

- (11) Fernanda detonou a bomba.

³ Os asteriscos empregados nesta seção do texto, indicando a agramaticalidade das sentenças seguem exclusivamente a proposta de Tenny (1994). Na próxima seção do trabalho essa agramaticalidade será discutida.

No exemplo (11), a bomba passa do estado de não-detonada para o estado de detonada. É interessante observar como esse exemplo coincide com aquilo que Vendler (1967) chama de verbos *achievement*. A respeito disso Tenny faz uma importante observação acerca da diferenciação entre *accomplishments* e *achievements*. Para Tenny a distinção entre estes dois tipos de verbo proposta por Vendler não faz sentido, pois baseia-se na existência ou não de um processo antes que o evento mude de um estado para outro, tornando-se impossível delimitar quanto tempo é necessário para que se considere a existência de processo entre esses dois estados do evento. Há ainda a alegação de que esse processo, independente de sua duração, pode ser alargado ou encurtado em alguns contextos específicos. Portanto, não importa quanto tempo leva o processo, mas a existência de uma mudança de estado com relação ao argumento interno direto. Essa observação é particularmente importante porque não apenas explica o conceito de verbos de mudança de estado, mas relaciona-o com outras teorias da semântica.

O terceiro tipo de verbo apresentado por Tenny são os *verbos de rota ou trajetória*. Esses verbos possuem objetos que descrevem o caminho percorrido pelo NP sujeito da sentença. Os eventos descritos por esses verbos não apresentam mudança de estado.

(12) Paulo subiu a escada (em quinze minutos / durante quinze minutos).

Em (12), *a escada* descreve a rota percorrida por Paulo ao realizar o evento de *subir*. Nesse sentido, *a escada* dá a escala e a delimitação do evento realizado por Paulo.

Tenny assume um certo tipo de ambigüidade para predicados como esses, pois eles permitem tanto uma leitura não-delimitada como uma leitura delimitada do evento. O final da seção 1.2.6 do texto atribui essa ambigüidade ao fato de que certas propriedades aspectuais são incluídas na entrada lexical de cada verbo em particular e ainda de cada verbo para cada falante.

A questão levantada neste trabalho discute justamente essa ambigüidade, propondo que ela não se aplica apenas aos *verbos de rota ou trajetória*, mas a todos os verbos.

Ao observar as três subclasses de *verbos de medição*, concluí que a distinção entre essas três subclasses não é clara. O sintagma *ler um livro*, por exemplo, pode apresentar alguma dificuldade de classificação. Se pensarmos no livro como a trajetória percorrida pelo agente do evento, esse seria um *verbo de rota ou trajetória*; se pensarmos que o livro passa do estado de *não-lido* para o estado de *lido*, temos um *verbo de mudança de estado*; se pensarmos ainda na ação de ler o livro como uma consumação, em que as partes do livro vão sendo consumidas no decorrer do evento, temos um *verbo de tema incremental*. Essa questão nos ajuda a entender que os verbos dessas subclasses podem ser mais parecidos uns com os outros do que o texto propõe. A autora assume que esses verbos “*podem não ser verdadeiramente distintos um do outro*” (TENNY, 1994: 18)⁴, mas para ela, eles provêm uma tipologia de três formas canônicas em que o argumento interno direto pode medir o evento - alegação questionada pelo presente trabalho.

1.3 Restrição de Término (Terminus Constraint)

A *restrição de término* regula a participação do argumento interno indireto na estrutura aspectual. Ela é composta também por três regras básicas, que serão apresentadas a seguir:

- i) An indirect internal argument can only participate in aspectual structure by providing a terminus for the event described by the verb. The terminus causes the event to be delimited.*
- ii) If the event has a terminus, it also has a path, either implicit or overt.*
- iii) A event as described by a verb can have only one terminus.*⁵

Há dois tipos de argumento interno indireto, aqueles que delimitam e aqueles que não delimitam o evento. Tenny propõe que aqueles que recebem o papel temático *alvo*, são os argumentos indiretos que dão o término

⁴ (tradução nossa)

⁵ i) Um argumento interno indireto pode apenas participar da estrutura aspectual quando dá o *término* do evento descrito pelo verbo. O *término* dá a *delimitação* do evento.

ii) Se o evento tem um *término*, ele também tem uma *trajetória* que pode ser implícita ou explícita.

iii) Um evento descrito por um verbo pode ter apenas um *término*. (tradução nossa)

da sentença. Este término, segundo a autora, desambigüiza as sentenças que possuem os *verbos de medição* que podem ter uma leitura não-delimitada para o evento. É possível observar esse fato se adicionarmos um argumento indireto à sentença (13):

(13) Paulo subiu a escada até o nono andar (em uma hora /*durante uma hora).

Como se pode observar nessa sentença, o argumento interno indireto *até o nono andar*, delimita o evento e exclui a possibilidade de Paulo ter subido a escada indefinidamente. Em outros contextos, segundo Tenny, em que a sentença supostamente não oferece ambigüidade, o argumento interno indireto apenas reforça e especifica o ponto final já dado pelo argumento interno direto.

Ao especificar o *término*, automaticamente fica explícita a trajetória percorrida na realização do evento. Talvez a sentença (13) não seja um bom exemplo dessa afirmação, no entanto ela ficará mais clara ao observarmos (14):

(14) Teresa leu o livro até a página 168.

Neste exemplo, o evento de *ler o livro* tem um *término* específico, ou seja, *a página 168*. Ele também tem uma trajetória, que corresponde à extensão do livro lido. Aqui, essa trajetória está implícita e corresponde à informação redundante: *ao longo das páginas*. Essa trajetória pode também estar explícita como no caso de (15):

(15) Paulo subiu a escada, degrau a degrau, até o nono andar.

Em (15), *degrau a degrau* dá a trajetória percorrida por Paulo ao realizar o evento de subir a escada. Interessante observar que a maioria dos exemplos utilizados por Tenny para ilustrar as propriedades de *término* e *trajetória*, possui predicados considerados não medidos pelo argumento interno indireto, entre eles: *verbos de atividade* e *verbos intransitivos*.

A última observação a respeito da *restrição de término* é a respeito do item (iii) da regra de restrição, que diz que pode haver apenas um *término* para um evento descrito por um verbo. Essa afirmação pode ser comprovada a partir da agramaticalidade de (16b):

(16) a. João empurrou o carro até o posto de gasolina.

b. *João empurrou o carro até o posto de gasolina até a cidade mais próxima.

Há dois términos em (16b): *até o posto de gasolina* e *até a cidade mais próxima*. Para tornar essa frase gramatical poderíamos, mantendo as mesmas informações, juntar esses dois argumentos em um só, subordinando o sintagma “até a cidade mais próxima” ao argumento interno indireto *até o posto de gasolina*. Logo, teríamos:

(17) João empurrou o carro até o posto de gasolina na cidade mais próxima.

Essa sentença não oferece problemas à teoria pois não pode ser atribuído o papel temático *alvo* ao sintagma preposicionado “na cidade mais próxima”, e também porque esse sintagma não está subordinado ao verbo, mas a outro sintagma preposicionado.

1.4 Restrição de Não-Medição (Non-measuring-out constraint)

A restrição de não-medição se dá no argumento externo e diz respeito ao fato de o argumento externo não medir o evento e nem influenciar na sua leitura aspectual.

i) *An external argument cannot participate in measuring out or delimiting the event described by a verb. An external argument cannot be a measure, a path, or a terminus.*⁶

Uma série de testes é proposta para provar essa afirmação. Eles não serão descritos aqui, pois não contribuem muito significativamente para a discussão da hipótese levantada por esse trabalho. Apenas utilizarei essa afirmação para justificar metodologicamente a não-utilização de exemplos que variam o NP sujeito nos exemplos aqui apresentados.

2. Problematização

O questionamento proposto por este trabalho diz respeito à propriedade da *delimitação* ser atribuída ao argumento interno direto. Conforme exposto anteriormente, exemplos como (9-12) podem ter leituras não-delimitadas, ainda que esse julgamento varie de falante para falante (Tenny, 1994), (Smollett, 2005).

Em seu texto, Tenny atribui duas propriedades aos argumentos internos diretos: a de estabelecer uma escala para o evento e a de delimitar o seu ponto final. Proponho neste trabalho, com base em Smollett (2005), que o argumento interno direto atribui uma escala ao evento, mas não especifica o seu ponto final.

Inicialmente, ao tentar aplicar os conceitos de Tenny ao PB, deparei-me com a dificuldade de aceitar a agramaticalidade de sentenças como *João comeu a maçã durante 5 minutos*. Essa dificuldade levou-me à hipótese de os conceitos de Tenny não poderem ser integralmente aplicados ao PB. Foi observado logo em seguida que outros textos clássicos da Semântica apontavam para esse mesmo fato no Inglês. Portanto, o que poderia ser atribuído a uma diferença de comportamento entre as línguas, é na verdade um buraco ou uma hipótese questionável na teoria de Tenny.

Segundo Smollett, o julgamento de sentenças com um verbo de medição e um NP quantizado é muito mais variável do que se imagina. Embora Tenny (1994) queira dar um tratamento unificado às propriedades aspectuais dos *verbos de medição*, ela assume a diferença entre expressões das três subclasses. Enquanto os *verbos de tema incremental* e os de *mudança de estado* permitem apenas uma leitura delimitada, os *verbos de rota ou trajetória* são ambíguos, permitindo leituras delimitadas e não-delimitadas.

Para Verkuyl (1993, *apud* Smollett, 2005) e Jackendoff (1996 *apud* Smollett, 2005), julgamentos que permitem uma leitura não-delimitada para sentenças como (9) são marginais e influenciados ou por um alargamento do evento, segundo Verkuyl, ou por coerção de um advérbio temporal, segundo Jackendoff.

Se verificarmos as sentenças das três subclasses de verbos em PB propostos por Tenny mais um NP quantizado, concluímos que todas elas permitem uma leitura não-delimitada, embora algumas vezes seja necessário criar um contexto pouco usual que satisfaça a leitura procurada. Com base nessas evidências, Smollett propõe que não apenas os *verbos de rota ou trajetória*, e os *verbos de mudança de estado* (conforme propõe Jackendoff, 1996) permitem uma leitura não-delimitada, mas todos os verbos das três subclasses. Segundo a autora, a delimitação nunca vai ser acarretada pela sentença, sendo ela atribuída ao contexto ou a outros elementos na sentença (advérbios, argumento interno indireto, etc.).

Em *João comeu uma maçã em cinco minutos*, temos a leitura delimitada em que o ponto final do evento de *comer a maçã* é marcado pelo final da maçã. Essa leitura é a assumida por Tenny. No entanto, é possível entender que *João comeu uma maçã por cinco minutos* se pensarmos que ele comeu a maçã apenas enquanto esperava sua esposa se maquiar, e tão logo ela tenha ficado pronta, ele tenha deixado a maçã de lado sem completar o evento de comê-la por inteiro. Neste caso temos uma leitura não-delimitada para o evento de comer em (6).

O mesmo pode ser observado em sentenças como:

(17) Pedro quebrou a vidraça (em cinco minutos / durante por cinco minutos).

(18) Joana tocou a sonata (em vinte minutos / durante vinte minutos).

⁶ Um argumento externo não pode participar da *medição* e da *delimitação* do evento descrito pelo verbo. O argumento externo não pode ser a *medição*, a *trajetória*, ou o *término*. (tradução nossa)

Como justificativa para o fato de algumas leituras serem mais freqüentes que outras para algumas sentenças, Smollett alega que conhecimento de mundo compartilhado facilita alguns tipos de relação de sentido, sem impossibilitar que outras leituras sejam atribuídas à mesma sentença. Para checar essa afirmação basta apenas que se pense em um contexto, ou uma sentença que pragmaticamente facilite uma das leituras.

(19) A formiga comeu o bolo (em uma semana / durante uma semana).

Quando pensamos que João comeu uma maçã, logo, pensamos no fato de que as pessoas costumam comer as maçãs por inteiro. Quando nos deparamos com uma situação como em (19), sabendo que as formigas levam muito mais tempo para devorar um alimento do que um homem, e que não necessariamente – e, aliás, até menos frequentemente – elas comem o alimento até o fim, acionamos mais facilmente a leitura não-delimitada do evento. Portanto, o nosso conhecimento compartilhado de mundo nos aponta para uma leitura diferente da que fazemos de (9).

Além disso, podemos perceber que existe uma mesma função atribuída a dois tipos de argumento diferentes, pois o argumento interno indireto é também supostamente responsável por delimitar o evento, resolvendo a ambigüidade quando ela existe e, reforçando e especificando o ponto final do evento, quando ele já foi dado pelo argumento interno direto. A proposta de Smollett (2005) – e conseqüentemente a deste trabalho – é de que o argumento interno direto atribui uma escala ao evento, enquanto o argumento interno indireto atribui o ponto final, distinguindo os verdadeiros *delimitadores* (sintagmas subordinados ao VP que recebem o papel temático *alvo*) do papel aspectual dos objetos diretos.

Para Smollett, o ponto final não está na sentença, e sim no contexto, sendo ele responsável por delimitar o evento ou não. É possível pensar ainda, que a gramática nos oferece as duas leituras: delimitada e não-delimitada. Neste caso, o contexto não atribui o ponto final por si, mas seleciona a melhor leitura para denotar um certo evento. No entanto, tanto uma quanto outra hipótese nos leva à conclusão de que o argumento interno direto não é responsável pela delimitação do evento.

3. Conclusão

Conclui-se a partir desse trabalho que há um aspecto da teoria de Tenny, e conseqüentemente de toda tradição Vendler-Jackendoff-Verkuyl que merece ser revisado. No entanto, isto em nada diminui o valor e importância de sua teoria. As conclusões a que se chega com esse trabalho (baseadas no texto de Smollett, 2005) contribuem para a teoria de Tenny no sentido de estabelecer uma análise unificada às três subclasses de verbos de medição.

Outros aspectos dessa mesma teoria merecem ser revisados e testados com base num número maior de dados. Este trabalho trata apenas de uma parte dessa teoria, ficando ainda muitos pontos a serem tratados por pesquisas futuras.

RESUMO: Este trabalho pretende fazer uma revisão do capítulo 1 do livro “Aspectual Roles and The Syntax-Semantics Interface” (TENNY, 1994), procurando aplicar os conceitos e testes propostos, do inglês para o PB. A hipótese levantada neste trabalho é que a *delimitação* não pode ser acarretada de sentenças com *verbos de medição*.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica; Sintaxe; Aspecto; Delimitação; Medição

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SMOLLETT, R. (2005) Quantized direct objects don't delimit after all, in : H. Verkuyl ; A. van Hout ; H. de Swart, (eds), *Perspectives on aspect*, Dordrecht : Kluwer.
TENNY, C. (1994). *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*, Dordrecht : Kluwer.
VENDLER, Z. (1967). *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press.